

Editorial

No momento do lançamento dessa revista, setembro de 2021, queremos colocar alguns aspectos políticos controversos que permeiam a sociedade brasileira, pois ao mesmo tempo que temos uma gestão governamental mostrando-se opróbio para a população, intelectuais e cientistas engajam-se estudando e acompanhando o desenvolvimento de políticas. Assim, temos também a representação de uma população aguerrida, que a despeito das estratégias de desmobilizá-la, matem-se firme em permanecer na luta em busca dos seus direitos.

Nos referimos à representação da população indígena, acampada em Brasília na luta para garantir no Supremo Tribunal Federal (STF) o direito constitucional ao território dos povos originários. Não vamos aqui nos delongar na explanação de toda a situação. O que queremos é apontar a força e a perseverança deste importante contingente populacional brasileiro com destaque para as mulheres indígenas que estiveram acampadas em Brasília e no dia 10 de setembro realizaram a segunda marcha das mulheres indígenas, em Brasília, mostrando toda sua força e seus posicionamentos sobre o atual governo e contra o marco temporal.

Nossa revista tem como objetivo a luta pela igualdade racial, portanto, se coloca como apoiadora dos gritos dos povos originários. Dessa forma, faz destaque para os artigos que tratam da temática indígena. É o caso do texto: **Repensando o lugar do indígena no Brasil da mestiçagem**, onde a autora Liana Rayssa M. Amorim, faz reflexão sobre a utilização do conceito de mestiçagem nas dimensões sociológicas e historiográficas no contexto brasileiro, com objetivo de compreender como a condição mestiça se consolidou como chave-teórica para entender a realidade nacional e como isso relegou aos povos indígenas um lugar preterido. O texto: **As rotas de comércio indígena na montagem da economia das drogas do sertão amazônico (1683-1706)**, de autoria de André José Santos Pompeu, apresentando o papel indígena na economia do sertão não se limitava a apenas remar as canoas, mas que as redes e rotas de comércio foram preponderantes para a montagem desta economia, conectando diferentes nações indígenas, com os diferentes grupos europeus assentados no vale amazônico desde o século XVI. Outro texto nos remete a população indígena, traz o relato da autora e autores Camile R. Texca, Everton Ribeiro e Fábio Lucas Cruz, sobre as edições da *Semana de Estudos Brasileiros e Indígenas* do Instituto Federal do Paraná – Campus Campo Largo, organizada anualmente pelo Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas, com o título:

Semana de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas: Por uma educação antirracista no Instituto Federal do Paraná.

Prosseguindo na apresentação dos artigos contidos na revista e que também trazem contribuições significativas para a temática do debate racial, temos o texto **Protagonismo preto: Museu Afro Brasil e a educação antirracista não formal**, de Daniela G. Serafim, buscando compreender o protagonismo preto na formação sociocultural afro-brasileira a partir da contribuição do Museu Afro Brasil para uma Educação Antirracista.

No artigo, **O carácter discriminatório da educação do colonizado em Moçambique entre 1926 e 1974**, Denisse Kátia S. Omar busca compreender o processo de implementação da educação discriminada do colonizado em Moçambique, passando por várias mutações, causando consequências negativas no seio da população negra. Francisco André S. Martins e Caetano B. Ferreira, no texto: **A história dos povos africanos e as questões históricas e raciais na educação básica**, observam como em tempos tão sombrios, nos quais as diferenças e a luta pela igualdade e contra o racismo estrutural têm sido fortemente atacadas, a escola emerge como arena de disputas e trazem para a discussão a importância de se trabalhar a história dos povos africanos e as questões étnico raciais na Educação Básica, mais especificamente no Ensino Fundamental II.

Gabriela Araldi, no texto **A charge como denúncia da corrupção e da necropolítica: A representação de África por Victor Ndula**, a autora capta o problema contemporâneo de corrupção no continente africano, sobretudo o desvio de dinheiro arrecadado com a ajuda externa, debatendo seus reflexos e consequências através da análise imagética da Charge “*Why is aid bad for Africa*”- em português “porque a ajuda externa é ruim para a África”, produzida pelo artista africano Victor Ndula em 2012. Isabela R. Regagnan e Sávio Queiroz Lima, no artigo: **“Ah África, terra mãe, berço da humanidade”: uma proposta de ensino de História da África a partir do desenho Super-Choque**, abordam historiograficamente o uso de dois episódios da animação “Super-Choque” no ensino de História da África. Trata-se de uma narrativa ficcional estadunidense protagonizada e referendada racialmente, com personagens principais negros e possibilidades de debates sobre visibilidade.

No campo da religiosidade, o artigo: **Discriminação legal às religiões de matrizes africanas (1889-1988)**, Jurandir Antonio Sá Barreto Junior, pretende examinar, por meio da análise histórica, o processo de discriminação racial sofrida pelas religiões de matrizes africanas a partir da perspectiva do Direito brasileiro nos cem primeiros anos da história republicana. A representação musical também se faz presente nessa edição através do artigo: **Antirracismo e**

educação: os sambas-enredo como ferramenta pedagógica para a construção de identidade, cultura e memória afro-brasileira na escola, de Maria Luiza F. M. do Nascimento, destacando a música como uma ferramenta pedagógica pela facilidade dos educadores que lecionam em municípios interiorizados para acessar as letras e canções nas plataformas digitais. O texto: **Projeto histórias variadas: um conto africano na sala de aula**, de Maynara de S. Melo, trata de um relato pessoal de experiência com o objetivo de descrever um projeto de leitura realizado enquanto atuou como docente em uma escola da rede particular, de Rio Branco, no Acre. Priscila Beralda M. de Oliveira no texto: **Ações afirmativas no Brasil: apontamentos para iniciarmos o debate**, pretende refletir sobre alguns aspectos considerados primordiais para uma compreensão mais aprofundada da importância das ações afirmativas no enfrentamento da desigualdade racial no Brasil.

Raimundo P. Cordeiro e Assunção José P. Amaral no seu texto: **Herdeiras das tradições africanas: trabalho, cultura, lazer ontem e hoje na cidade de Vigia-PA**, mostram a trajetória das mulheres negras na construção da sociedade amazônica a partir de uma cidade secular chamada Vigia de Nazaré, localizada no Nordeste do Estado do Pará. No artigo: **Percepções e desafios de estudantes cotistas em curso de alto prestígio social da Universidade do Estado da Bahia**, Vandielton T. Santana analisa a trajetória de estudantes cotistas em cursos de maior prestígio social, à época matriculados na Universidade do Estado da Bahia, procurando compreender quais caminhos percorreram para chegar à universidade, buscando identificar os aspectos e as estratégias facilitadoras e/ou dificultadoras o acesso desses estudantes aos cursos escolhidos.

Desejamos que os artigos contidos nessa edição possam, de alguma forma, contribuir para o debate e a luta antirracista na nossa sociedade. Para finalizar trazemos as palavras da primeira vereadora negra de Curitiba, Carol Dartora, ao acompanhar a II marcha das mulheres indígenas em Brasília: “A luta indígena deve ser a pauta de toda a população brasileira...O Brasil é terra indígena. Defender essa causa é lutar contra o machismo e o racismo e defender nossa soberania”.

Boa Leitura!

Ma. Silvia Maria Amorim Lima

Membra da Comissão Editorial da Revista Em Favor de Igualdade Racial